

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

---

5-1-2010

### 08. "REFLEXÕES SOBRE O PASSADO" (1704-1705)

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

---

#### Repository Citation

de Mare, C. (2010). 08. "REFLEXÕES SOBRE O PASSADO" (1704-1705). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/16>

This Primeira Parte is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

“REFLEXÕES SOBRE O PASSADO” (1704-1705)<sup>19</sup>

*Notas do retiro de Poullart, aos 26 anos de idade*

Se na verdade amasse Deus e a minha própria salvação, deveria sentir-me inconsolável por ter passado este ano da maneira como o passei. Era isso o que o Senhor esperava de mim como prova de gratidão? Há mais de três anos que, por excepcional misericórdia, Ele me tirou do mundo, rompeu as cadeias de meus crimes, arrancou-me, quase contra a minha vontade, das garras de Satanás para me revestir com o manto da santificação.<sup>20</sup>[...] Só Deus e o meu coração nunca esquecerão o prodigioso efeito da misericórdia jamais havido.

[...] Recebia consolações abundantes, os meus olhos não paravam de chorar sempre que podia estar sozinho a meditar nos meus erros e na misericórdia do meu Deus. Sempre que fazia algum esforço para me aproximar do Senhor, imediatamente este Mestre bondoso me levava aos ombros léguas inteiras. Finalmente, sem o mínimo esforço, vim a poder fazer coisas que, pouco tempo antes, considerara impossíveis para um homem como eu. [...] Pensava quase só em Deus. O meu sofrimento maior era não poder pensar sempre n’Ele. Só queria amá-lo, e para ser digno do seu amor renunciei a todos os apegos, mesmo aos mais lícitos. Queria ver-me um dia despojado de tudo e a viver só de esmolas, depois de ter dado tudo. De todos os bens temporais só queria guardar a saúde para a poder oferecer a Deus no trabalho das missões, dando-me por imensamente feliz se, depois de ter abrasado o mundo com o amor de Deus, pudesse derramar o meu sangue até à última gota por aquele cujos benefícios eu tinha sempre presentes ao meu espírito. [...]

*Poullart refere o entusiasmo que experimentou durante dezoito meses pela vida orientada pelo Evangelho e especialmente pela Eucaristia e o Santíssimo Sacramento. Depois compara esta situação gratificante com as frustrações que sente no cargo de diretor da comunidade e em toda a sua vida de fé.*

<sup>19</sup> A pequena comunidade dos “estudantes”, fundada no Pentecostes de 1703, não pára de crescer; em fins de 1704, já era composta de quarenta membros. Poullart teve de aguentar tarefas e problemas que o desgastaram profundamente. Decidiu fazer um segundo retiro para saber a verdade sobre a sua crise espiritual e sobre a obra, que, presentemente, parecia exigir um esforço superior às suas forças.

<sup>20</sup> Poullart faz alusão ao seu grande retiro de 1701.

*Congregação do Espírito Santo*

Precisaria de lágrimas de sangue para chorar a minha miséria. Nunca fui o que devia ser, é verdade, mas, pelo menos, fui bem diferente do que sou agora. Bom seria se tivesse perdido apenas metade do que tinha obtido pela graça de Deus. Valha-me Deus! Já não presto atenção à presença de Deus em mim, já não adormeço a pensar n'Ele, ao despertar quase nunca me lembro d'Ele, sempre distraído até nas minhas orações. [...]

Pouco zelo para a correção fraterna, desanimando sempre que as coisas me não correm bem; esquecendo-me de encomendar a Deus estes meus trabalhos, tal a leveza de ânimo e a irreflexão com que os empreendo. Pouca delicadeza nas minhas palavras e nas minhas maneiras, mas amiúde altivo, seco e insatisfeito; berros, palavras azedas, repreensões duras e prolongadas; um rosto sombrio, denotando mau humor; muito sensível no tocante à minha família, confessando a muito custo que os meus pais são comerciantes de tecidos e de cera, temendo mesmo que alguém o saiba; dando muito pouco a saber que é insignificante a minha ação nesta obra dos estudantes pobres, e, pelo contrário, experimentando um prazer íntimo por as pessoas que pouco ou nada sabem de mim pensarem que sou pessoa rica, que mantenho os outros à custa de recursos próprios. [...]

Tomando todos os dias boas resoluções de mudar de vida e apesar disso, desleixado, por ser tão desorganizado, sem nunca ir até ao fim, seguindo sempre as minhas ideias e os meus caprichos sem consultar, como dantes, o meu diretor, e substituindo-o, por assim dizer, em lugar dele, pelas minhas imaginações.

Numa palavra, tenho de confessar diante de Deus que não passo de um homem com alguma reputação de estar vivo ainda, mas que na realidade está morto, pelo menos se comparada a presente situação com o meu passado. Valha-me Deus! Quase não passo duma máscara de devoção e duma sombra do que fui. [...] Foi assim que muitas pessoas de virtude eminente começaram a escorregar e vieram a acabar mal! Quem, mais do que eu, deverá recear uma queda assim, eu que tenho sido ao longo da vida tão inconstante, pois que ao meu regresso a Deus se seguem desordens profundas?

*Perturbado por tantas frustrações, Poullart apoia-se na sua experiência do amor indefetível de Deus para com ele.*

[...] Como não ter medo que Deus me abandone totalmente? Se isso ainda não aconteceu, devo-o só à sua misericórdia infinita para comigo.

*Antologia Espiritana*

Sempre repleto de ternura para comigo, recusando-se a perder-me depois de, ao longo de toda a minha vida, me ter livrado do endurecimento conducente à impenitência final mais por milagre do que pelo efeito normal da sua Providência, Ele permitiu que eu fizesse este retiro numa altura em que nem sequer pensava nisso, e tudo dispôs para que encontrasse facilmente um caminho aberto para voltar mais uma vez ao meu dever e não arranjar falsos pretextos de me furtar a ele. [...]

Devo acreditar, além disso, que Deus terá ainda piedade de mim, se regressar a Ele de todo o coração porque [...] o procedimento que teve comigo até aqui: 1) não consentindo que eu estivesse satisfeito comigo mesmo, e fazendo-me estar inquieto e triste pelo meu extravio; 2) concedendo-me a graça de intimamente me dar sempre conta de que não era nada daquilo que as pessoas pensavam e diziam de mim; 3) não me permitindo furtar-me aos meus escrúpulos, os quais, embora me tenham perturbado algumas vezes, em geral contribuíram para eu me abeirar do sacramento da confissão e sentir mais rebates de consciência sempre que era tentado a ofender a Deus: toda esta conduta da parte de Deus leva-me a crer que o céu não há de ser implacável para comigo, se de boa fé me decidir a chorar as minhas faltas e voltar a cair nas boas graças do Senhor.

Cheio, ainda pela graça de Deus, desta santa confiança, e sem já me importar com o caminho mais agradável à minha natureza, vou examinar qual o atalho mais curto para encontrar aquele caminho sem o qual, faça o que fizer, não vou conseguir ter um momento de paz. [...]

*Sincero para consigo mesmo, Poullart procura descobrir as causas do seu “relaxamento”: não andou quanto devia na presença de Deus, foi presunçoso ao empreender “a obra dos estudantes pobres”: a princípio eram só alguns; mas agora são em grande número.*

Era-me [...] difícil não ceder e não deixar que a importância me subisse à cabeça.

*Além disso entregava-se demasiado ao serviço deles:*

Quero dizer que me deixava envolver, muito para além do que me era pedido, pela preocupação de dirigir estes pobres estudantes que a Providência alimenta. [...]

Congregação do Espírito Santo

*Quando termina o retiro, descobre alguns elementos para uma sábia decisão, mas não consegue ainda organizá-los com coerência devido ao seu estado de profundo sofrimento:*

Estas considerações fazem-me sofrer muito. Deixei o mundo para encontrar Deus, para renunciar à vaidade e para salvar a minha alma; e será possível que eu não tenha feito mais do que trocar de objeto, conservando o mesmo coração? De que me serviria então ter feito o caminho que fiz?<sup>21</sup>

*As notas do retiro terminam com esta pergunta, tal como as do retiro de 1701. O acompanhante espiritual de Poullart o ajudará a tirar as conclusões da sua busca da verdade: apoiando-se totalmente no amor de Deus, vai continuar com a sua obra, mas partilhando as suas responsabilidades; é o gérmen duma pequena comunidade de formadores – a Sociedade do Espírito Santo – ao serviço da grande comunidade dos “estudantes pobres”, o Seminário do Espírito Santo.*

<sup>[21]</sup> Lendo estas páginas inflamadas de Poullart des Places, [...] parece-me que nelas se manifestam já muito claramente alguns traços fundamentais da espiritualidade espiritana. Contento-me com enumerá-los:

1 - Consciência muito viva do amor e da bondade de Deus, da sua misericórdia, que os nossos pecados não conseguem desencorajar.

2 - Olhar sem indulgência para com a malícia e a ingratidão do pecado, que é o único obstáculo à vitória do amor de Deus.

3 - Desejo de corresponder ao amor de Deus por um dom total de toda a vida ao seu serviço, particularmente “no trabalho das missões” e até ao martírio, que, diz ainda o P. Thomas, Cláudio Francisco desejaria encontrar entre aqueles “a cuja salvação ele esperava consagrar-se”. No imediato, ele confessa que sentia uma verdadeira “temura [...] por aqueles que sofriam [...], um zelo ardente por levar os pecadores a converterem-se a Deus, de tal modo que, para o conseguir, nada me pareceria demasiado humilhante”. O seu biógrafo esclarece que desde essa altura ele tinha “uma afeição particular pelas obras mais humildes e abandonadas”.

4 - Importância da mortificação, ou melhor daquilo que o P. Libermann chamaria a abnegação, a renúncia, isto é, a recusa deliberada de seguir “o mundo e as suas maneiras [...], a sua estima, os seus usos” e a vontade de seguir unicamente “Jesus Cristo crucificado”.

5 - Importância vital da oração, da Eucaristia, de Deus a habitar o mais frequentemente possível o nosso pensamento. [...]. Segundo ele, só podemos verdadeiramente amar a Deus se vivermos com a consciência da sua presença e do seu amor. (P. Joseph Lécuyer).